# O PROFESSOR PDE E OS DESAFIOS DA ESCOLA PÚBLICA PARANAENSE Produção Didático-Pedagógica



#### SECRETARIA DO ESTADO DE EDUCAÇÃO

#### UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ – UEM

#### PROGRAMA DE DESENVOLVIMENTO EDUCACIONAL - PDE 2009

#### TELMA LOPES DO COUTO MUNEKATA

# PRODUÇÃO DIDÁTICO – PEDAGÓGICA CADERNO PEDAGÓGICO

#### ENSINO E APRENDIZAGEM DE LEITURA – UMA NECESSIDADE SOCIAL

PDE: Língua Portuguesa

PROFESSORA PDE: Telma Lopes do Couto Munekata

ORIENTADORA: Tânia Braga Guimarães

CONCEPÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA: Estética da Recepção

MARINGÁ 2010

# SUMÁRIO

IDENTIFICAÇÃO	3
TEMA	3
TÍTULO	3
CONTEÚDOS BÁSICOS	3
JUSTIFICATIVA	4
INTRODUÇÃO	4
OBJETIVOS	5
ESTRATÉGIAS DE AÇÃO	6
ATIVIDADES	6
REFERÊNCIAS	15

### 1. IDENTIFICAÇÃO

- **1.1 PROFESSOR PDE** Telma Lopes do Couto Munekata
- **1.2 ÁREA PDE –** Língua Portuguesa
- **1.3 NRE –** Maringá
- **1.4 PROFESSOR ORIENTADOR** Tânia Braga Guimarães
- 1.5 IES Universidade Estadual de Maringá UEM
- **1.6 ESCOLA DE IMPLEMENTAÇÃO** Escola Estadual São Vicente Pallotti. Ensino Fundamental.
- 1.7 PÚBLICO OBJETO DE INTERVENÇÃO 6ª série do Ensino Fundamental.

#### 2. TEMA

Leitura e entendimento do texto.

#### 3. TÍTULO

Ensino-aprendizagem de leitura e literatura: da necessidade social à formação de leitores.

#### 4. CONTEÚDOS BÁSICOS

- Leitura e entendimento do texto
- Resumo da obra/texto
- Atividades que envolvam criatividade

#### 5. JUSTIFICATIVA

A presente Produção Didático-Pedagógica deverá possibilitar a interação, por meio da leitura e escrita, com temas que sejam agradáveis, levando o aluno a perceber que pode se libertar das limitações impostas e passar de mero espectador a protagonista de sua própria história.

Cabe-nos contribuir de maneira mais efetiva, para que esta aprendizagem possa atingir o maior número possível de alunos. Porém, deve ser uma aprendizagem com qualidade, para despertar o real interesse pela leitura e fazer com que se torne um hábito na vida de cada um.

## 6. INTRODUÇÃO

O presente projeto pretende contribuir para a melhoria da aprendizagem da leitura e entendimento do texto lido. Deverá possibilitar a interação, através da escrita, com textos que sejam agradáveis e leves.

Ler é um problema social, geralmente atribui-se ao professor de Língua Portuguesa a responsabilidade pelo fracasso da leitura, o nosso aluno precisa perceber a importância de ler e entender o processo de leitura. Percebemos muitas vezes que há falta de pré-requisitos para que esse processo seja concretizado.

Martins (2003, p. 29), lembra que:

[...] devido a inúmeras manifestações culturais originárias das camadas mais ignorantes, há necessidade de se compreender tanto a questão da leitura quanto a da cultura para além dos limites que as instituições impuseram. Então, é necessário considerar a leitura como um processo de compreensão de expressões formais e simbólicas, não importando por meio de que linguagem. Assim, o ato de ler pode ser tanto algo escrito, quanto outros tipos de expressão do fazer humano, caracterizando-se também como acontecimento

histórico e estabelecendo uma relação igualmente histórica entre o leitor e o que é lido [...].

Segundo Solé (2008, p. 23), "a leitura é um processo entre o leitor e o texto; neste processo tenta-se satisfazer (obter uma informação pertinente para) os objetivos que guiam sua leitura".

A transformação da sociedade provoca uma transformação cultural paralela, que exige do indivíduo uma maior compreensão do mundo e de seu meio, fazendo uma leitura mais profunda de todos os acontecimentos que envolvem esta transformação. Martins (2003, p. 29), lembra que:

[...]devido a inúmeras manifestações culturais originárias das camadas mais ignorantes, há necessidade de se compreender tanto a questão da leitura quanto a da cultura para além dos limites que as instituições impuseram. Então, é necessário considerar a leitura como um processo de compreensão de expressões formais e simbólicas, não importando por meio de que linguagem. Assim, o ato de ler pode ser tanto algo escrito, quanto outros tipos de expressão do fazer humano, caracterizando-se também como acontecimento histórico e estabelecendo uma relação igualmente histórica entre o leitor e o que é lido [...].

Entendemos, portanto, que a leitura não é um ato simplesmente verbal, mas que envolve também todas as relações interpessoais e sociais que vivemos no nosso dia a dia em sociedade.

#### 7. OBJETIVOS

Os exercícios que serão desenvolvidos têm como objetivos:

• Despertar no aluno o interesse pela aprendizagem da leitura.

• Promover momentos de leitura e atividades de entendimento .

Proporcionar atividades para o desenvolvimento da criatividade.

8. ESTRATÉGIAS DE AÇÃO

O presente trabalho será aplicado na Escola Estadual São Vicente Pallotti - de

Mandaguari-Pr, no Ensino Fundamental, na 6ª série, turma "D", com

aproximadamente 21 alunos.

Foram escolhidos para trabalhar fragmentos de texto dos livros de Pedro Bandeira:

O Dinossauro que fazia au-au, Pequeno pode tudo e O Pequeno Fantasma. Os

mesmos foram escolhidos devido a linguagem de fácil compreensão, de leitura

agradável e interessante para o público-alvo selecionado. Os alunos deverão

interpretar os textos e resolver as atividades propostas, sendo que estas exigem

bastante criatividade e compreensão.

No início do 2° semestre de 2010, na Semana Pedagógica, o projeto será

apresentado aos professores, à equipe pedagógica, aos funcionários e à direção da

escola. Ainda no mês de agosto, serão apresentados aos alunos os

encaminhamentos necessários. As atividades serão impressas e entregues aos

alunos para a realização do trabalho.

9. ATIVIDADES

Aula 01 - Leia o texto e resolva as atividades.

O DINOSSAURO QUE FAZIA AU-AU

Capítulo I - Adulto tem cada uma!

6

Você é criança? Tem certeza? Então já deve ter notado que ser criança é ser mandado o tempo todo. É ter sempre a impressão de que se está no lugar errado, fazendo a coisa errada. É um tal de "cala a boca", de "passa daqui pra fora", de "você não tem nada com isso", que nem é bom falar!

- Menino, não me venha fazer bagunça na sala!
- Menino, saia já da cozinha! Aqui não é lugar de criança!
- Menino, esse quarto está um chiqueiro! Arrume isso direitinho!
- Menino, saia já do banheiro! Morreu aí dentro, é? Nem adianta reclamar. Parece que casa não é lugar pra gente pequena.

A situação fica ainda pior quando o caso são os prédios de apartamentos.

Há muito tempo atrás (quase dez anos!), o menino Galileu tinha nascido numa cidade muito pequena. Tão pequena que tinha espaço pra todo mundo. Mas a família, tempos depois, mudou-se para uma cidade grande. Tão grande que não tinha lugar pra todo mundo morar no chão.

- O que é um prédio de apartamentos? tinha perguntado Galileu, que ainda era muito pequeno naquela época.
- Um prédio de apartamentos é... bem... tinha explicado dona Lazinha, a mãe, ocupada preparando a mudança ...é uma pilha de casas, umas sobre as outras.

Galileu tinha entendido tudinho, só que achou meio impossível o tal empilhamento.

- Como é que eles fazem pra equilibrar uma casa na ponta do telhado da outra?
- Ora, que bobagem, meu filho! Não tem isso de telhados. O chão da casa de cima tampa a casa debaixo e serve de telhado.
- Mas como é que eles fazem pra empilhar os jardins? E os quintais? E as casas de cachorro? E os varais de secar roupa?

Logo Galileu ia compreender que, naquele prédio de apartamentos, o que se empilhava eram os problemas: lugar de menino não era nem dentro nem fora do apartamento.

- Menino, vá brincar no pleigráundi! Vê se dá um pouco de sossego aqui em casa!
  - Futebol no pleigráundi? É proibido!

- Bicicleta no pleigráundi? Isso nunca!

Galileu descobriu depressa que ali não havia permissões. Só proibições: não podia jogar bola, não podia andar de bicicleta, não podia brincar na garagem, não podia patinar, isqueiti não podia, gritar não podia, não podia brigar, não podia deixar empregada subir pelo elevador da frente, não podia, não podia, não podia...

E quando a gente gosta de ter bicho, então?

- O quê?! Cachorro no apartamento? É proibido!
- Já fazia tempo, mas o menino Galileu ainda se lembrava muito bem da primeira vez em que tinha pedido ao xerife do prédio...

Como? Prédio não tem xerife? Ah! é mesmo... O certo é síndico. Mas acontece que síndico tem cara de xerife de bangue-bangue, não é mesmo? Pois é. Galileu tinha chegado para o xerife-síndico e pedido, com muito jeito e educação:

- Será que posso trazer pra casa um cachorro branco com pintas pretas?
- É claro que não, menino! \_ respondera o xerife-síndico, com aquele olhar de proibição que só se encontra em cara de síndico.
  - E com pintas amarelas, pode?

Galileu tinha tentado várias cores diferentes, até se convencer de que não era a cor o que contava. O que não podia mesmo era cachorro. E nem adiantava insistir: não podia gato, cabrito, elefante, não podia nenhum bicho.

- Esse síndico devia chamar-se Herodes! protestava Galileu.
- Por que Herodes?
- Herodes não era, na Bíblia, aquele governador que mandava matar as crianças? Pois esse síndico só não faz a mesma coisa porque não é governador!

O jeito era se contentar com bichos pequenos, que podiam viver escondidos de Herodes, o xerife-síndico. Desses, Galileu tinha dois. O primeiro era o Moreno. Um papagaio chamado Moreno. Isso porque o papagaio achava muito sem graça tudo quanto é papagaio ser chamado de Louro.

Moreno era um papagaio como os outros, só que falava por dois papagaios. Aliás, Moreno só não falava pelos cotovelos porque papagaio não tem cotovelo.

- Mas tenho um bico amarelo e falo porque falo, porque no meu bico ninguém manda! papagueava Moreno, malcriado como ele só.
  - Dá o pé, Louro!
  - Louro é a vovozinha!

Ah! É preciso não esquecer do ratinho branco, de nome Cuim, que a maior parte do tempo morava no bolso da camisa de Galileu, bem junto do coração do menino. Por isso, o ratinho era quem melhor conhecia o amigo. Cuim sabia quando aquele coração ia bater mais forte e até por que ia bater mais forte.

O ratinho entendia o menino, e o menino entendia o ratinho. Cuim não sabia falar, só sabia fazer cuim, mas isso bastava para Galileu.

- Cuim. cuim...
- Já vai, Cuim. Você quer uma cenoura, não é?

Mas o que o menino queria mesmo era um bicho dos grandes. E não cansava de insistir com o xerife-síndico Herodes, com seu Bráulio, o pai, e com dona Lazinha, a mãe.

- Marido, assim não é possível! \_ queixava-se dona Lazinha. \_ Com essa mania de bicho, esse menino ainda vai acabar domador de circo!
  - Humf... \_ fazia seu Bráulio, entretido com o jornal.
- O que é que tem demais? Domador de circo até que é uma boa profissão. Sua mãe me disse que você, quando criança, só pensava em ser condutor de bonde!
  - Humf... \_ continuava seu Bráulio, ainda com o nariz enfiado no jornal.
- Ah! É? Era isso que você queria, não é? Andar pela rua fazendo dinguedongue, enquanto eu ficava aqui me acabando de trabalho feito uma burra!
  - Humf...
- Mas que dingue, mas que dongue! Hoje você estaria desempregado. O Governo acabou com os bondes!

#### (BANDEIRA, Pedro. O Dinossauro que fazia Au-Au.)

A continuação desta estória se encontra no livro citado acima. É muito interessante e engraçado! Vocês não podem perder a oportunidade de lê-lo! Que tal?

- a) O personagem principal (protagonista) tem muita imaginação. Use a sua imaginação e escreva um final para o texto. Aproveite para escrever mais algumas travessuras e questionamentos de Galileu. Como você colocaria na sua estória o dinossauro que fazia au-au?
- b) Galileu tem alguns animais de estimação. Escreva qual deles você prefere e por qual motivo?

- c) Você prefere morar em uma cidade pequena ou grande? Quais benefícios uma cidade pequena oferece? E uma cidade grande?
- d) O texto nos conta que a família do protagonista morava em uma cidade pequena, depois, a família mudou-se para uma cidade grande e foram morar em um prédio de apartamentos. Use sua criatividade e faça um relato de coisas que você poderia ver da janela do apartamento.

#### Aula 02 - Leia o texto a seguir e faça o que se pede:

#### **PEQUENO PODE TUDO**

[...] E o pardal, para bem longe, foi levar sua tristeza.

Voou alto, voou reto, voou firme e bem direto, até que, por baixo dele, a cidade se acabou.

E um bosque colorido, uma floresta começou.

"Aqui tem comida boa, tem de tudo o que eu quiser! Não tem fumaça nem lixo, não tem carro nem moleque! Aqui, sim, eu vou viver! Aqui, sim, serei feliz!"

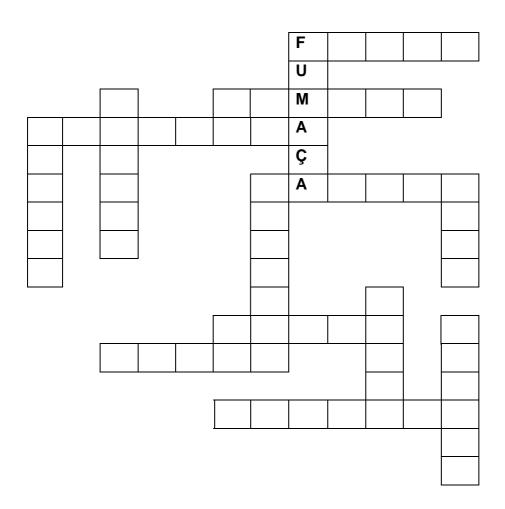
Mas no galho onde ele estava,
pousou uma arara vistosa:
"Que coisinha mais feiosa!
De onde surgiu você? O que é você?
Um pássaro? Ou uma sujeirinha que voa?"

"Eu sou um pardal. Um pássaro igual a você..." [...]

#### (BANDEIRA, Pedro. Pequeno pode tudo.)

a) Resolva a cruzadinha a seguir, com as seguintes palavras extraídas da poesia:

GALHO	BOSQUE	VISTOSA
COMIDA	CIDADE	CARRO
PÁSSARO	FELIZ	PARDAL
LIXO	FEIOSA	
FLORESTA	ARARA	



- b) Agora responda: por que a floresta é importante para o planeta?
- c) Quais são as vantagens e desvantagens de morar em uma cidade?

- d) Quais são as vantagens e desvantagens de morar próximo a uma floresta ou em sítios?
- e) Escreva uma carta à Ministra do Meio Ambiente Izabella Mônica Vieira Teixeira, solicitando proteção do nosso meio ambiente, bem como de nossos animais. Lembrando que há a necessidade do vocabulário formal e a devida estrutura de carta.
- f) Utilize o espaço a seguir para desenhar um outdoor, objetivando enfatizar o cuidado com os animais do nosso país.



#### Aula 03 - Leia o texto e resolva o que se pede:

#### O PEQUENO FANTASMA

Você sabe onde nascem os fantasmas? Não?! Pois é muito fácil saber.

Há vários tipos de fantasmas. Uns são feitos de lençóis branquinhos. Outros de lençóis que brilham no meio da escuridão da noite. Outros de lençóis azulados. E até fantasmas feitos de lençóis velhos e esfarrapados.

Então ficou muito fácil descobrir onde nascem os fantasmas, não é?! Eles nascem nas fábricas de lençóis!

Lá, sempre que um lençol sai malcosturado, com algum defeitinho, já se sabe: botam o pobrezinho de lado, e o jeito é ele virar fantasma.

E foi exatamente isso o que aconteceu com Psiu. Ele nasceu como um lençolzinho bem leve, de tecido macio, mas a bainha saiu malfeita.

A dona da fábrica dobrou Psiu muito bem dobradinho. Colocou-o depois na pilha de lençóis rejeitados: aqueles que virariam fantasmas.

Psiu ficou tristinho, pois ninguém gosta de ser rejeitado, não é? Mas, quietinho, sem fazer nada naquela pilha de lençóis, acabou pegando no mais profundo dos soninhos!

#### (BANDEIRA, Pedro. O Pequeno Fantasma.)

- 1) Vamos analisar o texto através da perspectiva de visão do autor Pedro Bandeira.
- a) Neste exercício, há apenas uma alternativa correta. Segundo o autor, os fantasmas nascem:
  ) Nas fábricas de doces.
  ) Nos sonhos das crianças.
- ( ) Nas noites frias.
  - b) No texto, o autor cita vários tipos de fantasmas. Assinale as alternativas corretas.
- ( ) de lençóis rosas e azuis.
- ) de lençóis amarelos e tristes.

) Nas fábricas de lençóis.

- ( ) de lençóis branquinhos e azulados.
- ( ) de lençóis esfarrapados e velhos.
- ( ) de lençóis que brilham no meio do dia.
- ( ) de lençóis que brilham no meio da escuridão da noite.
- ( ) de lençóis roxos e enrugados.
- ) de lençóis felizes e esfarrapados.
  - c) Neste exercício, também há apenas uma alternativa correta. O que acontece quando algum lençol sai com defeito?

(	) Ele e pintado novamente.
(	) Ele é costurado novamente.
(	) Ele é doado aos funcionários da fábrica.
(	) Ele é deixado de lado e acaba virando fantasma.
	d) O autor deu um nome a um lençol Qual é o nome?
(	) Pingo.
(	) Bimbo.
(	) Piuí.
(	) Psiu.
	e) O que aconteceu ao lençol, depois de ser colocado na pilha dos rejeitados?
(	) Resolveu fazer uma viagem.
(	) Começou a chorar e brigou com os outros lençóis.
(	) Dormiu profundamente.
(	) Ficou envergonhado e fugiu.
	2) Agora responda:
	a) Todas as indústrias possuem o controle de qualidade de sua produção. Nesta

- visão, Psiu foi rejeitado por apresentar defeito. Você concorda que todas as empresas precisam ter controle de qualidade em seus produtos? Por quê?
- b) Se você fosse Psiu, o que você faria se fosse rejeitado?
- c) Se você tivesse uma indústria, com que tipo de produto você trabalharia? Por quê?
- 3) Desenhe os tipos de fantasmas descritos pelo autor do texto.

# 10. REFERÊNCIAS

BANDEIRA, Pedro. <i>O dinossauro que fazia au-au</i> . São Paulo: Editora Moderna, 1983.
O Pequeno Fantasma. São Paulo: Editora Moderna, 1998.
Pequeno pode tudo. 2. ed. São Paulo: Editora Moderna, 2002.
DIRETRIZES CURRICULARES DA EDUCAÇÃO BÁSICA: LÍNGUA PORTUGUESA – Secretaria de Estado da Educação do Paraná, 2008.
GALVÃO, Ana Maria de Oliveira e BATISTA, Antonio Augusto Gomes. <i>Leitura</i> práticas, impressos, letramentos. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
MARTINS, Maria Helena. O que é leitura. São Paulo: Brasiliense, 2003.
SMITH, Frank. Leitura Signiticativa. Porto Alegre: Editora Artes Médicas Sul Ltda, 1999.
SOLÉ, Isabel. Estratégias de Leitura. Porto Alegre: Artmed, 1998.
ZILBERMANN, Regina. <i>A leitura e o ensino da literatura.</i> 2.ed., São Paulo: Contexto, 1991.